



Universidade
Estadual de
Londrina

SOLANGE TAVEIRA DE VASCONCELOS

OS JOVENS E A ESCOLA

LONDRINA
2010

SOLANGE TAVEIRA DE VASCONCELOS

OS JOVENS E A ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Educação
da Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Regina
Ferreira de Oliveira

LONDRINA
2010

SOLANGE TAVEIRA DE VASCONCELOS

OS JOVENS E A ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Educação
da Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Orientadora: Dr^ª. Sandra Regina
Ferreira de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina

Prof^ª. Dr^ª. Magda Madalena Tuma
Universidade Estadual de Londrina

Prof^ª. Edilaine Vagula
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, Outubro de 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, soberano, mantenedor, pela proteção e cuidado.

À minha orientadora, Profa. Dra. Sandra, pelo profissionalismo, dedicação e amizade para a realização deste trabalho.

À minha mãe, pelo constante amor, apoio e incentivo, nunca medindo esforços para ajudar em minha carreira acadêmica.

À Poliana, sobrinha e grande inspiradora para a realização deste trabalho.

À minha irmã Norma, pelo apoio em todos os momentos.

À amiga Silvana, que sempre demonstrou companheirismo e tranqüilidade ao longo dos quatro anos de graduação.

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus, à minha família e à minha orientadora Prof^a Dra. Sandra Regina Ferreira de Oliveira.

VASCONCELOS, Solange Taveira de. **Os jovens e a escola**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual de Londrina, 2010.

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa bibliográfica sobre a relação dos jovens e a escola. Foram analisadas três obras: “O adolescente por ele mesmo” da autora Tania Zagury; “Consciência Histórica e identidade” de José Machado Pais e “Juventudes Sergipanas”- Relatório de pesquisa de Bernard Charlot. O objetivo foi entender o pensamento, os valores e as atitudes dos jovens e como estes se relacionam com a escola, evidenciando os conceitos sobre vários assuntos que envolvem o processo educativo. Compreender o que os jovens pensam sobre a escola é importante para que os envolvidos no contexto escolar possam redefinir suas práticas, incentivando e estimulando os alunos de acordo com suas necessidades.

Palavras-chave: Consciência histórica; Jovens; Escola.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – ADOLESCENTE POR ELE MESMO – TANIA ZAGURY	11
1.1 SOBRE A OBRA	11
1.2 SOBRE A RELAÇÃO DO JOVEM COM A ESCOLA	14
CAPÍTULO II – CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E IDENTIDADE – JOSÉ MACHADO PAIS	17
2.1 SOBRE A OBRA	17
2.2 SOBRE A RELAÇÃO DO JOVEM COM A ESCOLA	20
CAPÍTULO III – JUVENTUDES SERGIPANAS – RELATÓRIO DE PESQUISA- BERNARD CHARLOT	24
3.1 SOBRE A OBRA	24
3.2 SOBRE A RELAÇÃO DO JOVEM COM A ESCOLA	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
ANEXO	33
ANEXO A – Ficha de Levantamento de dados das três obras analisadas	34

1 INTRODUÇÃO

Os dados obtidos nessa pesquisa resultam do estudo de três obras que abordam vários aspectos sobre os jovens. Escolhemos como recorte analisar a questão do jovem e sua relação com a escola.

A intenção inicial era trabalhar com dez obras. No entanto, ao selecionarmos as três primeiras deparamo-nos com a complexidade das mesmas tanto em relação aos assuntos abordados como em quantidade de material a ser lido e analisado. Por isso, delimitamos nosso estudo nestas três obras, que se mostraram bastante diversas quanto ao objeto e às análises efetuadas sobre o jovem.

A pesquisa teve início com a leitura do livro “O adolescente por ele mesmo”, de Tânia Zagury, seguida do fichamento. Em seguida foi feita a leitura e fichamento do livro “Consciência histórica e identidade” e, por fim a leitura e fichamento do Relatório de pesquisa de Bernard Charlot.

A fim de selecionar as informações mais importantes para nossa pesquisa, elaboramos uma ficha a ser preenchida no decorrer da leitura (em anexo). Destacamos os dados de autoria, edição, palavras-chaves, metodologia e conclusões que pudessem nos auxiliar na compreensão de nosso objetivo de pesquisa: a relação do jovem com a escola.

Ao final da leitura, nos deparamos com obras diferentes: por um lado, Tânia Zagury e Bernard Charlot buscam compreender sobre os jovens brasileiros em uma abordagem mais ampla, na qual a escolaridade é uma das partes. No caso da investigação de José Machado Pais, procura-se entender o pensamento dos jovens sobre o conhecimento histórico nos países europeus, em especial Portugal. Sobre a relação com a escola poucas abordagens foram feitas. Mesmo assim, contribuiu para entender sobre o que pensam os jovens sobre as aulas de História, sobre práticas pedagógicas de sua preferência e outros assuntos correlatos.

Conhecer pesquisas a respeito do jovem, buscando compreender o conceito de juventude, a relação do jovem com a escola faz-se importante no campo educacional porque a realização do trabalho docente exige que o professor conheça

com profundidade seus alunos tendo em vista resultados mais satisfatórios no processo de ensino e aprendizagem.

Essa busca deve-se também ao fato de que as sociedades atuais são caracterizadas por inúmeras culturas e transformações, descobertas científicas, desenvolvimento rápido das informações, modo de vida, valores. Há exigência de múltiplos saberes, novas profissões e flexibilidade nas mesmas, e constantes cobranças em relação ao desenvolvimento humano em várias áreas. Caracteriza-se também por mudanças tanto no nível de conhecimentos quanto de atitudes, influenciadas pelos meios de comunicação, cada vez mais rápidos e eficientes.

Nesse contexto, exige-se da escola (vista como responsável pelo desenvolvimento humano em vários aspectos) um papel importante na formação dos jovens, de modo que possa prepará-los para atuar na sociedade da informação.

Estudos realizados mostram que:

O problema principal da educação está em que as transformações sociais e tecnológicas ocorrem com grande velocidade, enquanto que o sistema educacional as vive com ritmos muito mais lentos. Mudaram as expectativas sociais, as exigências, os meios de comunicação, os sistemas de informação, o mundo do trabalho, o papel da mulher, a configuração da família, os valores da sociedade e dos jovens; mas pouco se modificaram a organização das escolas e o trabalho dos professores. Nessa situação, o professor se sente pressionado, desajustado, exigido, mas escassamente apoiado e valorizado. A tarefa que se espera de um professor é muito mais ampla que transmitir conhecimentos a seus alunos, o que, até há muito pouco tempo, era sua atividade principal. Agora são necessárias muitas outras habilidades, sem as quais é difícil conseguir que os alunos progridam na aquisição do saber: o diálogo com os alunos, a capacidade de estimular o interesse por aprender, a incorporação das tecnologias da informação, a orientação pessoal, o cuidado com o desenvolvimento afetivo e moral, a atenção à diversidade dos alunos, a gestão da aula e o trabalho em equipe. (MARCHESI, 2006, p. 111).

É necessário que efetuem-se mudanças no processo de ensino-aprendizagem. Não se aceitam mais professores donos da verdade, com autoridade absoluta, sem permissão para que os alunos também exponham seus conhecimentos, idéias e opiniões. A relação professor-aluno deve basear-se em questões intelectuais, mas também afetivas, compartilhando interesses e experiências. Além disso, é necessária a existência de diálogo, sem o qual não pode haver participação e um bom desenvolvimento. Esse diálogo deve estar presente em todas as situações da escola:

Mas a conversa com os alunos é uma tarefa difícil e arriscada. É preciso dominar as técnicas do diálogo, para conversar com um grupo de alunos. Normalmente é necessário, primeiro, que o professor faça valer sua autoridade e ganhe respeito. Para alguns alunos, o diálogo é sinal de fraqueza e um convite à bagunça, de modo que uma mensagem inicial de quem é que tem a autoridade é necessária. Depois, é mais fácil controlar a situação e estabelecer uma conversação com o grupo de alunos para conhecer suas opiniões e propostas. Nesse processo, o professor deve ter claro até onde quer chegar, e em que assuntos, para centrar o diálogo sobre eles. Também deve expor com nitidez que há muitas questões escolares que não podem ser alteradas, seja qual for a opinião dos alunos: o currículo, os horários, o clima de estudo e o respeito mútuo, para citar algumas das mais relevantes.

As possibilidades de diálogo com os alunos para conseguir que se sintam participantes e comprometidos com os objetivos e as normas escolares dependem também de outros dois fatores: a experiência prévia dos alunos e a utilização desse modo de relação por parte de todos os professores. Quando os alunos puderem opinar sobre múltiplas situações escolares desde o Ensino Fundamental, é mais provável que isso funcione melhor no ensino Médio. E quando essa dinâmica se apresenta na maioria das aulas, os alunos aprendem mais facilmente as regras da conversação com o professor e, portanto, seus limites. (MARCHESI, 2006, p.112).

Ainda que Marchesi não se refira necessariamente aos jovens pode-se perceber que os desafios em relação à convivência e ao ensino com eles é grande. Sendo assim, é preciso compreender uma educação que ao mesmo tempo que atenda as mudanças ocorridas ao longo dos tempos, proporcionando aos alunos capacidades de adaptações, criatividade, senso ativo e crítico, preparação, não deixe de lado o respeito pelos professores, os limites que devem estar presentes em todas as relações sociais, promovendo convivências harmônicas e cooperação no processo de aprendizagem.

As pesquisas realizadas e expostas nas obras de Tânia Zagury (1996), José Machado Pais (1999) e Bernard Charlot (2006), permitirão entender como os jovens de diferentes localidades interagem nessa sociedade complexa, o que pensam sobre vários assuntos, principalmente os relacionados à escola.

O livro “O adolescente por ele mesmo”, por trazer considerações de décadas anteriores (1990) possibilita análises comparativas com as outras obras estudadas, quanto aos valores, costumes, pensamentos.

As demais obras analisadas também mostram aspectos relevantes no que concerne às relações dos jovens no processo de ensino-aprendizagem. Os relatos possibilitarão que os envolvidos no processo escolar saibam o que realmente é importante e de interesse dos jovens, para que possam pensar em formas alternativas de ensino.

Como vivemos numa sociedade que está em constantes transformações, conforme já discutido, o que foi relevante num determinado período, pode não ser mais em outro. Os jovens, dentro e fora do ambiente escolar, refletem essas mudanças que alteram as relações que se estabelecem no processo de construção de conhecimento, tanto dos professores como dos alunos. Esse trabalho tratou de entender um pouco essas transformações

Passamos a apresentação de cada uma das três pesquisas selecionadas que nos possibilitaram conhecer mais sobre a forma como os jovens se relacionam com a escola.

CAPÍTULO I - O ADOLESCENTE POR ELE MESMO – TANIA ZAGURY

A primeira obra analisada foi o livro “O adolescente por ele mesmo”, de Tania Zagury. O livro foi publicado no ano de 1996, pela Editora Record. Zagury é graduada em Filosofia e com mestrado na área de Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na época em que realizou a pesquisa era docente na Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Atualmente, acumulando mais de trinta anos de experiência profissional desenvolve diferentes trabalhos relacionados à educação.

Em trabalhos anteriores ao estudado, a pesquisadora entrevistou pais sobre as modernas teorias educacionais, resultando nos livros “Sem padecer no paraíso” e “Educar sem culpa”, publicados em 1991 e 1993, respectivamente.

A experiência da autora no Brasil e em outros países (Zagury, 1996, p.12), como Cuba, por exemplo, no qual estudou o sistema de alfabetização lá implantado com tanto sucesso, permite-lhe falar com a firmeza de alguém que não se deixou influenciar pelos modismos intelectuais nem pelos apelos pedagógicos.

1.1 SOBRE A OBRA

O livro “O adolescente por ele mesmo” apresenta os resultados de pesquisa sobre o jovem, desenvolvido nos anos de 1994 e 1995 em sete capitais brasileiras: Belém, Brasília, Fortaleza, Belo Horizonte, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo e nove cidades do interior: Cariri (CE), Jucás (CE) Coronel Fabriciano (MG), Ipatinga (MG), Divinópolis (MG), Juiz de Fora (MG), Viçosa (MG), Santa Cruz do Sul (RS) e Itu (SP).

A metodologia da pesquisa pautou-se na aplicação de questionários aos adolescentes entre catorze e dezoito anos, alunos do então primeiro e segundo graus de todas as classes sociais que freqüentavam escolas nessas cidades. A autora passou dois anos ouvindo os adolescentes, derrubando mitos e inseguranças sobre seus comportamentos nos mais diversos assuntos. O motivo para realização da pesquisa foi as inquietações provocadas durante debates conduzidos por ela sobre a relação entre pais e filhos. Como resultado, elaborou a

investigação que objetivou descobrir o que pensavam e como se comportavam os adolescentes brasileiros.

Verificamos que estas questões colocadas pela autora e que nos parecem tão atuais, tem mais de vinte anos, visto que a obra teve a sua primeira edição no ano de 1996. A inovação apresentada pelo estudo, naquele contexto, era a intenção de procurar ouvir o jovem em diferentes cantos do país, o que justificou o título do livro.

Seu propósito, ao começar o trabalho, era ver até que ponto as descrições teóricas sobre os jovens constantes nos livros/manuais correspondiam à realidade brasileira da década de 1990. A autora explicita que:

Existem muitos e bons manuais publicados a respeito do que acontece com o jovem. Entretanto nesse meu estudo considere importante partir do que pensam os jovens, para poder refletir e tentar esclarecer alguns dos pontos cruciais. (ZAGURY, 1996, p.18).

Para atingir esse objetivo, aplicou um questionário a 943 jovens, 47,6% do sexo masculino e 52,4% do sexo feminino, todos estudantes do primeiro e segundo graus (hoje correspondentes ao ensino fundamental e médio) entre quatorze e dezoito anos de idade, das classes A,B,C,D e E. Conforme dados do IBGE¹ as classes sociais no Brasil estão definidas como:

Classe A: Com renda familiar acima de trinta salários mínimos.

Classe B: Com renda familiar de 15 a 30 salários mínimos.

Classe C: Com renda familiar de 6 A 15 salários mínimos.

Classe D: Com renda familiar de 2 a 6 salários mínimos.

Classe E: Com renda familiar até dois salários mínimos.

Procurou atingir parcela representativa dos jovens brasileiros. Um dos critérios para seleção dos jovens para participar da pesquisa foi o domínio, pelo menos razoável, do processo de leitura e interpretação de textos. Isso se justificava pela relativa complexidade das questões propostas. Os semi-analfabetos e os não-alfabetizados não teriam, pois, condição de respondê-lo sem comprometer o estudo.

De certa forma, é importante constatar que os dados a partir da qual a pesquisa de Tania Zagury foi realizada excluiu boa parcela da juventude brasileira, aqueles que não adentraram ao mundo letrado.

¹ Conforme dados do IBGE.

Pesquisa realizada em 16/08/2010 no site www.ibge.gov.br

Todos os jovens alfabetizados que participaram propuseram-se a colaborar espontaneamente na pesquisa respondendo a um questionário estruturado com 84 itens. A identidade dos participantes foi totalmente preservada. As questões, abordavam a forma de ver os estudos, a família, a profissão, o lazer, o sexo, a religião, a política e as drogas.

Segundo a autora:

Os dados obtidos foram tratados estatisticamente calculando-se a frequência, o percentual, de respostas válidas e o percentual acumulado. Foram ainda feitos os cálculos das médias, medianas e desvio-padrão de cada uma das questões respondidas no instrumento. O cruzamento das variáveis foi feito utilizando-se o cálculo do qui-quadrado, que tem como objetivo verificar se um determinado resultado ocorreu por acaso ou não, bem como a medida em que dois ou mais atributos ou variáveis estão relacionados e em que nível de significância. Utilizou-se o nível de significância $p > 0,05$ (o que significa possibilidade de erro de 5 em cada 100 casos). Dado o tamanho da amostra estudada, foi possível, segundo as normas da pesquisa em área humana, fazer generalizações para todo o universo visado - O adolescente brasileiro estudante e/ou trabalhador. (ZAGURY, 1996, p.247).

A pesquisadora buscou responder diversas questões, como:

- Será que muito do que se fala não é mito? Ou pelo menos uma parte não seria mito?
- Será que existe muita diferença entre o adolescente que nós, pais de hoje, fomos e o adolescente que é hoje o nosso filho?
- Será que o jovem da cidade grande pensa e age da mesma forma que os do interior, das pequenas cidades?
- O jovem das camadas mais favorecidas economicamente terá as mesmas aspirações daquele das chamadas camadas populares?
- E o sexo? Serão os jovens de hoje promíscuos? De que forma estarão eles utilizando a liberdade sexual conquistada com muita luta pela nossa geração?
- E quanto ao amor? Quais serão seus sonhos? O que priorizam em suas vidas? Interessam-se por política ou são alienados?
- Será que os nossos jovens são muito ou pouco místicos?
- A nossa geração, pelo menos uma parte dela quebrou mitos e tabus como virgindade, casamento, sexo, posição da mulher na sociedade. E os nossos filhos? Terão progredido nessa trilha? Ou seriam eles mais conservadores do que nós fomos? (ZAGURY, 1996, p. 18 e 19).

Essa obra foi escolhida devido ao fato da autora ser pioneira em escutar o jovem, por abranger adolescentes de diferentes regiões do país e por trabalhar com vários aspectos como a religião, os estudos, a família e outros. Desta forma, consideramos que conhecer os resultados apresentados pela autora contribuirá de forma significativa para avançarmos nas pesquisas que tenham os jovens como foco investigativo.

1.2 SOBRE A RELAÇÃO DO JOVEM COM A ESCOLA

Na obra “O adolescente por ele mesmo”, Zagury destaca que as respostas obtidas junto aos jovens indicam que é comum na adolescência haver uma queda no rendimento escolar, mas os jovens valorizam a escola e os estudos, ainda mais quando percebem firmeza por parte dos pais nesses aspectos. Por outro lado, se perceberem insegurança por parte dos pais, aproveitam da situação.

Zagury afirma que:

Sempre ouvimos falar que o adolescente não quer saber de estudar, critica tudo, “cola” muito, “mata” aulas sempre que pode, não sabe o que quer, etc. E, na verdade, há mesmo uma certa mudança em relação aos estudos e à escola nesta fase. Surgem novos interesses, a criança se torna mais crítica, não aceita tão passivamente o que vê de errado, seja nos professores, nos inspetores, na metodologia ou no conteúdo que lhe é ministrado. Assim como nós, pais, descemos gradativamente do pedestal em que nos encontrávamos quando nossos filhos eram pequeninos, também a escola e todos os elementos que a compõem começam a ser vistos de outra forma. Daí, ocorrer com muitos alunos, um decréscimo, embora nem sempre muito acentuado, no interesse pelos estudos e na própria forma pela qual eles se portam com relação a trabalhos, leituras, provas - enfim, às obrigações escolares do dia-a-dia. Para os pais desavisados, este fato pode provocar muita ansiedade. Aquele aluno maravilhoso, caprichoso, que só tirava “notão”, começa a trazer um “seis” para casa hoje, um “quatro” amanhã... (ZAGURY, 1996, p. 34).

Ainda que tal “queda gradativa” seja percebida no processo de aprendizagem, dentre os 943 jovens entrevistados, 92,2% afirmaram que estudam porque acham importante e, somente 2,5% porque se sentem forçados pelos pais. Mesmo parecendo que o grupo é o único que conta, os pais continuam a influenciar e ter importância e os jovens percebem e agradecem por isso.

Não podemos nos esquecer que a pesquisa de Zagury foi publicada em 1996 (14 anos atrás) e já se destacavam problemas pelos quais a escola passava, como, por exemplo, a dificuldade dos professores em trabalhar com os jovens, em cumprir conteúdos, em favorecer o processo de relação entre alunos assim como entre o relacionamento professor-aluno e motivá-los para o estudo. Uma das justificativas dadas para essa situação centrava-se no fato de que estes jovens fazem parte de uma geração que convive com computadores e jogos eletrônicos, sendo atraídos por outras formas de aprendizagem e de relação com o conhecimento. O professor, frente a tudo isso, sente dificuldade em encontrar formas adequadas e mais prazerosas de trabalhar com os conteúdos em sala de aula e

também de impor limites e conviver de forma satisfatória com os jovens. (Zagury, 1996. p. 46-47)

Outro fator, destacado naquele contexto pela autora da pesquisa e que contribuiria para um trabalho insatisfatório, relacionava-se às políticas de governo em relação ao ensino e aos professores, principalmente quanto aos salários baixos, cursos de formação, falta de prestígio profissional etc.

Em 1996, a autora afirmava que:

(...) a nossa escola é uma escola desinteressante do ponto de vista de apelo visual, metodológico e mesmo de conteúdo. As aulas continuam, em sua grande maioria, meras explicações orais, com reduzido ou nenhum apoio audiovisual. Enquanto isso em casa... os brinquedos eletrônicos em três dimensões, a realidade virtual, a televisão...quanta coisa atraente e bonita... Quantos desafios novos a cada momento! Quem pode gostar da escola? Como fazer com que nossos alunos/filhos se interessem verdadeiramente pelas aulas? Será isso possível ainda? Os pais ficam angustiados com a sinceridade e a tranquilidade absoluta com que os filhos afirmam que a escola é chata, com a forma pela qual representam os professores quando em conversas com os amiguinhos... Pelo que dizem os alunos, a grande maioria das aulas continua seguindo o modelo clássico: são tradicionais, quer na forma, quer no conteúdo. Verdade seja dita, a capacidade crítica dos jovens é incrível, e pode-se saber muito sobre a didática e ensino prestando atenção e deixando que eles se expressem sobre o assunto. (Zagury, 1996, p,55).

Por outro lado, ainda que a escola fosse considerada desinteressante, a análise comparativa entre as cinco classes sociais realizada pela autora quanto aos aspectos relacionados à escolaridade, indicou que, quanto mais baixa a classe social, mais os alunos aprovam os conteúdos ministrados na escola e entendem que os mesmos são necessários para a sua vida fora dela, principalmente, quanto à empregabilidade (mais da metade dos jovens da classe E afirmaram que tudo o que aprendem na escola está relacionado com o futuro profissional). Na classe A, contrariamente, 10% consideram desnecessários os conhecimentos aprendidos na escola, contra apenas 4,5% na classe E e 6,5% na classe D.

Isso pode significar, por um lado, segundo Zagury que os jovens que se encontram numa melhor situação econômica, são mais exigentes quanto ao conteúdo ministrado na escola ou, por outro, que não dão à escola a mesma importância que as camadas populares. Talvez porque, ainda segundo a autora, para os alunos das camadas populares a escola pode ser o único meio de ascenderem socialmente, situação diferente para os que não necessitam de

oportunidades para tal, pois já se encontram numa situação social na qual outras oportunidades fazem-se presentes. (ZAGURY, 1996, p. 49)

Os dados indicam que os professores preferem mais o trabalho com os alunos das classes populares do que com os das classes mais altas (Zagury, 1996, p. 49-50), pois os alunos de baixa renda consideram o professor como alguém com status, que podem ajudá-los a ter um futuro melhor. Os alunos das classes A e B respeitam menos os professores, tratam-nos com ironias e em alguns casos, julgam-se superiores a eles, devido a condição socioeconômica. Segundo Zagury, uma das possibilidades explicativas para tal situação pode relacionar-se ao fato de que esses alunos não são questionados em suas escolas ou famílias a respeito desse tipo de comportamento frente ao professor. A autora avança na discussão a respeito destacando que tal atitude dos alunos sofre influência dos pais, pois os mesmos, muitas vezes, tecem comentários pouco adequados sobre os professores².

Quanto a freqüência nas aulas, não se percebeu diferenças quanto as classes sociais, nem entre os alunos que trabalham e os que não trabalham. Os adolescentes que admitiram “matar aula” disseram que “matam” apenas quando o professor é ruim ou se a aula não é interessante. Isso em todos os segmentos sociais.

No que se refere à “cola”, comparando-se as cinco classes sociais, também não se verificou diferença significativa entre os que só estudam e os que estudam e trabalham. A maioria (63%) admitiu que “colam” quando não sabem; 20% não “colam”; 11,7% “colam” quando podem e 4,2% sempre “colam”.

Muitos afirmam que, algumas vezes, já se sentiram injustiçados na forma como foram avaliados pelos professores. Nesse aspecto também não foram encontradas muitas diferenças entre as classes sociais. Os que se consideraram avaliados de forma justa representaram 38,6%. Os jovens mostraram-se críticos e honestos e quando foram questionados sobre o currículo, se pudessem reformulá-lo, 21,4% teriam propostas a apresentar e 17,6% teriam propostas já prontas.

² Os comentários que a autora elabora na obra são resultantes do diálogo entre os dados coletados na pesquisa e sua vasta experiência no atendimento de pais, alunos e na assessoria prestada as escolas.

CAPÍTULO II - CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E IDENTIDADE- JOSÉ MACHADO PAIS

A segunda obra analisada foi publicada no ano de 1999, em Portugal pela Celta Editora. Seu autor, José Machado Pais é investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

2.1 SOBRE A OBRA

O livro apresenta o resultado de, aproximadamente, mil e duzentas entrevistas realizadas com jovens em vinte e nove países europeus: Islândia, Noruega, Dinamarca, Suécia, Finlândia, Estônia, Lituânia, Rússia, Ucrânia, Polônia, Hungria, República Checa, Eslovênia, Croácia, Bulgária, Grécia, Turquia, Israel, Israel Árabe, Palestina, Portugal, Espanha, Itália, Tirol Sul, Alemanha, Bélgica Flamengo, Inglaterra/Gales, Escócia e França.

Como procedimento metodológico, optou-se pela aplicação de questionário fechado com alunos do último ano da escolaridade obrigatória (entre treze e catorze anos). Essa investigação pautou-se pela não interferência dos aplicadores dos questionários na elaboração das respostas. Portanto, as respostas indicam o que foi compreendido pelos jovens. Após a aplicação dos questionários as respostas foram analisadas qualitativamente.

Em outra fase da pesquisa foram coletados dados por meio de entrevistas e reuniões com 51 professores e estudantes de História. O objetivo de Pais era analisar as representações simbólicas dos jovens sobre a História e seu ensino, para compreender o processo de constituição de uma consciência histórica entre os jovens.

Faz-se importante destacar que tal pesquisa foi realizada no contexto de unificação europeia (uma união supranacional econômica e política de 27 Estados-membros, estabelecida após a assinatura do tratado de Maastricht, em 7 de fevereiro de 1992, pelos doze primeiros países da antiga CEE- Comunidade Econômica Europeia).

A União Europeia é uma nova forma de organização entre os Estados pertencentes à Europa. Enquanto instituição passou a dispor de personalidade jurídica após o início da vigência do Tratado de Lisboa. Possui competências próprias, tais como a Política Agrícola Comum, as pescas, entre outros. Estas competências são partilhadas com todos os Estados-membros. Trata-se de uma organização que combina o nível supranacional e o nível institucional num campo geográfico restrito com o papel político próprio sobre os seus Estados-membros.

Voltando aos objetivos de José Pais, na obra analisada, a consciência histórica nos ajuda a perceber quem somos. Essa identidade se dá através de memórias que compartilhamos. Na análise apresentada na obra (Pais, 1999, p.3) aborda-se que essa consciência pode ser percebida também através da forma como os jovens sentem seu pertencimento numa determinada geração: as afinidades que tem, como são sentidas e procuradas, a participação de cada um nas atividades, as experiências compartilhadas. Suas vivências ganham sentido quando existem as trocas, quando as heranças culturais se fazem presentes, evidenciando marcas do passado que tem mais significado pelo seu lado simbólico que material. A consciência histórica volta ao passado, mas não a um passado esquecido, mescla passado e presente, e transmite lembranças de uma época à outra. Conhecemos a História por meio do que permanece dela no tempo, permitindo que suas narrativas configurem esse tempo, as consciências coletivas, juntando passado, presente e futuro.

Ainda conforme Pais (1999, p. 3-4), fatos do passado são transmitidos através da cultura e de ideologias. Analisando a constituição dos processos políticos, históricos e sociais da atualidade, percebe-se sua constante reprodução, renovação ou formação na consciência histórica dos jovens. Assim, as consciências históricas favorecem a sociologia da cultura. É importante, portanto, desfazer essas construções ideológicas e culturais, socialmente transmitidas, não apenas para compreender o processo de socialização dos jovens, mas também para entender os modos de reprodução da sociedade.

Assim, para o autor (Pais, 1999, p. 5), pode-se dizer que consciência histórica envolve: a interpretação do passado, a forma como o presente é vivido e configuração do futuro. O objetivo do estudo não foi testar o conhecimento dos jovens entrevistados, pois poderia provocar nos estudantes e professores um

desapontamento e também não lhe pareceu importante identificar o conhecimento exato da História nos jovens, mas sim, conseguir que estes revelassem como os três níveis (passado, presente e futuro) encontram-se articulados no que se refere à interpretação histórica.

Segundo Pais:

“Numa Europa movida por rápidas e profundas mudanças sociais, é de vital importância desvendar as atitudes dos jovens em relação à História, em domínios políticos e socialmente tão expressivos como, entre outros, os da identidade, do nacionalismo, da democracia e das migrações. A análise das relações entre (in)dependência cultural/nacional, consciência histórica e atitudes em relação a questões políticas e sociais da atualidade constitui um acervo de investigação fundamental para professores e investigadores, sem esquecer os decisores políticos quando a níveis vários, se confrontam com as formas educativas e a planificação dos conteúdos, dos programas curriculares e pedagógicos das gerações futuras” (PAIS, 1999, p.4).

Essa obra resulta, portanto, do interesse de realizar um estudo comparativo entre Portugal e outros países sobre a consciência histórica dos jovens europeus e a importância do ensino da História na formação da identidade dos jovens.

De acordo com Pais (1999, p. 5) os resultados dessa pesquisa possibilitam não apenas o aprofundamento das questões já enunciadas, mas de outras também, pois havia uma ausência de estudos sobre o tema enunciado, fazendo com que surgissem muitas outras hipóteses quando comparados os resultados das pesquisas.

A pesquisa envolveu principalmente quatro eixos. Primeiro: dados sociográficos dos estudantes e alguns aspectos de socialização, como capitais culturais, escola pública ou privada que freqüentavam, influência dos professores, tipo de instrução. Em segundo lugar, como os jovens percebiam o presente e suas expectativas quanto ao futuro. Em terceiro lugar, as concepções referentes ao passado e em quarto lugar, correlação entre tempos históricos e grau de conhecimento e avaliação de conceitos relativos a esses tempos históricos (padrões de interpretação histórica; domínios de conceitos básicos-desenvolvimento, progresso, tradição; representações sobre a democracia; a Pátria; a Europa; as diferenças culturais). (PAIS, 1999, p. 6).

Verificamos então que a abordagem de Pais recairá em uma análise a partir da compreensão do saber histórico que estes jovens apresentam. Para ele,

compreender o pensamento do jovem passa necessariamente para compreender o que ele pensa do passado, do presente e do futuro.

Esse livro foi escolhido porque a pesquisa de Pais pode nos auxiliar a compreender como o jovem pensa a partir de uma outra análise: a histórica.

2.2 SOBRE A RELAÇÃO DO JOVEM COM A ESCOLA

A pesquisa realizada por Pais difere-se completamente da feita por Zagury e é a partir dessa diferenciação que intentamos compreender o que esse segundo autor discute sobre a relação do jovem com a escola. Não encontraremos em Pais a mesma busca por dados quantitativos e pontuais desencadeada por Zagury. No entanto, suas análises sobre a concepção de História e como esta influencia na forma como o jovem entende a sociedade, pode contribuir diretamente para nosso objeto de investigação: a relação do jovem com a escola.

De acordo com Pais (1999, p.32), autor de “Consciência histórica e identidade”, não há muitas referências no sistema de ensino aos participantes dos processos educativos. Poucas vezes os problemas e valores dos jovens e professores são estudados de acordo com seus contextos. Na maioria das abordagens, a qualidade da educação é colocada em termos quantitativos e burocráticos, mas não em termos de conteúdo.

Há importantes elos (Pais, 1999, p.32) entre os que comandam a seleção dos conteúdos e outros que dirigem o funcionamento dos processos educativos. Na questão do domínio da História em especial, não é ensinado tudo que dela faz parte, ficando a cargo dos sistemas de ensino realizar as articulações entre o que deve ser enfatizado ou omitido de alguns aspectos da História. Desse modo, ela pode ser explorada pelo sistema de educação objetivando refazê-la para fins didáticos, transformando-a assim, em escolhas de ensino e não apenas em símbolos.

Uma vez que o que se aprende na escola são construções sociais, é necessário criticar seriamente as escolhas culturais presentes no ensino de História, encarregadas pelas revisões dos programas. O autor busca entender quais os mecanismos da memória coletiva que possibilitam manter vivas as heranças do passado, por vários meios de transmissão e que tipos de História preferem os

estudantes. Para isso, foram dadas as seguintes opções durante a pesquisa realizada: livros escolares; documentos e fontes históricas; romances históricos; filmes de ficção; documentos televisivos; narrativas de professores; narrativas de outros adultos, museus e lugares históricos (PAIS, 1999).

Os jovens europeus preferem aprender História através dos “filmes de ficção”. Essa preferência não significa confiança, podendo-se dizer o mesmo em relação aos “romances históricos”.

De acordo com o autor:

(...) Os jovens tendem a assimilar a representação da História que contrapõe uma versão apoiada em conhecimentos verdadeiros e científicos a versões menores que montam a História a partir de pequenas histórias. Os museus e lugares históricos e documentos são na verdade, as fontes da História que os jovens europeus consideram mais fidedignas e os jovens portugueses são dos que mais satisfação tiram desse contato, possivelmente inculcada pelos professores de História. (PAIS, 1999, p.34).

Os jovens europeus não sentem prazer na leitura dos “livros escolares”, por isso esse objeto de aprendizagem não se constitui num instrumento satisfatório para aprender. Há satisfação somente entre os estudantes com influências religiosas. As “narrativas orais” e a “história oral” estimulam os adolescentes e, de forma geral, os jovens europeus encontram mais diversão nos “relatos de outros adultos” do que com “relatos de professores”. Quando comparam-se os “filmes de ficção” e “documentos televisivos” com a história literária, esta perde na preferência dos jovens. No que se referem às representações da História, os jovens portugueses confiam mais do que gostam, e são os que menos se agradam das narrativas dos professores.

Segundo a maioria dos entrevistados (Pais, 1999, p.42) a prática pedagógica das aulas de História baseia-se nos “livros escolares” e na “exposição dos professores”. As práticas menos desenvolvidas baseiam-se nos “programas radiofônicos/filmes e “atividades de grupo”. Percebe-se que o que prevalece nas aulas são as formas tradicionais de ensino ao invés de outras que permitam a participação dos alunos por meio de suas próprias interpretações da História.

Apesar disso, os professores das escolas portuguesas dizem que estas práticas acontecem sim, nas aulas. Vê-se então discrepâncias nas questões relativas às maneiras como as aulas são desenvolvidas e como os alunos realmente gostariam de aprender a História.

Quando foram questionados sobre em que as aulas de História se concentravam (Pais, 1999, p. 53), os jovens portugueses dentre todos os demais, afirmaram que os objetivos pedagógicos compõem-se de moral (julgamento de acontecimentos) e hermenêutica (imaginar o passado, compreender/reconstruir, explicar/descobrir) do ensino da História. Mas as aprendizagens mais frequentes compõem-se de dois aspectos: factual (conhecimento dos principais fatos da História) e o regionalista patrimonial (valorização e preservação das ruínas históricas e reconhecimento das tradições, características, valores e tarefas da nação e da sociedade).

De todos os jovens, os portugueses também dizem ser os que mais sabem sobre os acontecimentos certos/errados, bons/maus na História. Quase metade dos professores portugueses (40%) relatam que querem que seus alunos aprendam história de forma diferente, interessante, mas somente 12% dos estudantes dizem que isso é o que acontece.

Sobre o conhecimento dos jovens em relação à política do século XX o autor afirma:

A cronologia dos acontecimentos políticos do século xx foi a que deixou os estudantes europeus mais embaraçados. Aliás, em todos os domínios aferidos de conhecimento cronológico, foi na História política do século xx que os jovens revelaram um mais acentuado desconhecimento. É certo que sempre se pode aduzir o fato-ao menos para o caso português-de este período ser menos lecionado que outros, dada a extensão dos programas escolares. Como quer que seja, este fato mostra não apenas que o ensino da História é deficiente, mas também que essa deficiência não se circunscreve ao nível estritamente pedagógico. Trata-se de uma deficiência cultural que ajuda a perceber, por contraste, a ênfase que os jovens-em particular os portugueses-dão ao passado. (PAIS, 1999, p. 58-59).

Os jovens europeus consideram a História em imagens mais interessante. Confiam mais nos documentos televisivos e gostam mais dos filmes de ficção. Pode-se dizer que a televisão proporciona criação, liberdade, o que pode explicar a preferência. Esse fato mostra a importância dos meios de comunicação no desenvolvimento das práticas pedagógicas.

Nos países em que os jovens se divertem nas aulas de História, esse prazer pode estar relacionado às dinâmicas pedagógicas elaboradas pelos professores de História desses jovens. Quanto maior o dinamismo nas aulas, maior é também a participação dos alunos.

Esses resultados mostram a importância da ludicidade nas aulas de História, que trazem muitos benefícios, sem deixar de lado o rigor necessário nessa prática. E a necessidade de elaboração de conteúdos e estratégias que proporcionem o interesse dos estudantes pela História.

CAPÍTULO III - JUVENTUDES SERGIPANAS- RELATÓRIO DE PESQUISA- BERNARD CHARLOT

A terceira obra analisada foi o relatório de pesquisa “Juventudes sergipanas”, de Bernard Charlot, do ano de 2006. A cópia³ do mesmo foi conseguida junto à Universidade Federal de Sergipe. Charlot é graduado em Filosofia pela Universidade de Paris. Foi Presidente da Associação Francesa dos Professores e Pesquisadores. Possui doutorado em educação-Universit de Paris X, Nanterre (1985). Atualmente é Professor visitante da Universidade Federal de Sergipe e Professor Emérito da Universidade Paris.

3.1 SOBRE A OBRA

A pesquisa analisada desenvolveu-se nos anos de 2005 a 2006 com vinte e quatro municípios do Estado de Sergipe.

Foi utilizado um questionário composto por cento e dez perguntas, abordando: sexo, idade, grau de escolaridade, cor/raça, classe econômica, renda, além de outros temas relacionados aos jovens, como: família, trabalho, lazer, religião, amigos, valores, etc.

As perguntas foram feitas oralmente aos jovens, devido aos analfabetos e jovens de baixo nível de escolaridade, contando com a ajuda de noventa estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe e universidades particulares que tiveram uma formação de dez horas ministradas pelas equipes de Brasília e Sergipe.

Algumas regras deviam ser respeitadas: não aplicar o questionário apenas a brancos ou a negros ou a seguidores de uma ou outra religião e compreender jovens nas seguintes faixas etárias: 15-17 anos, 18-19 anos, 20-24 anos, 25-29 anos. (CHARLOT, 2006, p. 19-20).

Os 3053 jovens questionados compõem a amostra representativa da população alvo da pesquisa, ou seja, representam os 545.128 jovens sergipanos

³ Até a data de término deste TCC não encontramos referência quanto a publicação deste material em forma de livro.

entre 15 e 29 anos. Foram construídos cinco grupos de municípios, de acordo com o número de habitantes e de jovens.

Utilizou-se também o grupo focal⁴ (método oral e grupal), no qual os jovens expressaram suas opiniões livremente, com grande liberdade, fazendo críticas a determinados temas de forma mais espontânea. Este instrumento foi utilizado porque os dados quantitativos vindos do questionário, apesar de serem indispensáveis para verificar a frequência de uma opinião, ocultam, muitas vezes, algumas idéias e contradições que se apresenta na forma de cada um interpretar seu cotidiano e o mundo que o cerca. (CHARLOT, p. 20, 28).

Quanto aos grupos focais, foram realizados vinte e oito grupos, reunindo duzentos e quarenta e oito jovens (108 homens e 140 mulheres).

A obra resulta de uma encomenda de pesquisa da Unesco, com a intenção de obter e analisar dados quantitativos e qualitativos que permitiram entender os jovens sergipanos: suas vidas, pensamentos, suas experiências e opiniões sobre si, sobre a vida e os outros. Objetiva também (Charlot, 2006, p.28) apoiar as decisões e políticas públicas acerca dos jovens. Enfim, os jovens como realmente são.

O relatório analisado compõe-se por 715 páginas. O objetivo do relatório não é apresentar uma análise na qual o escritor traz seus próprios argumentos, mas sim, uma análise objetivando ouvir os jovens e refletir sobre suas respostas.

O autor explica que:

Se é tão difícil conceituar a juventude, é porque ela apresenta duas características que dificultam sua definição:

Em primeiro lugar, a juventude é um movimento, um processo pelo qual o objeto(a juventude) passa a ser o seu contrário(a maturidade). Conceituar a juventude requer um pensamento do tipo dialético: tem que pensar ao mesmo tempo a juventude, a maturidade e o movimento pelo qual a primeira nega a si mesma para levar à segunda. O que não é nada fácil. Para pensar a juventude, sempre há de pensar junto os contrários. Daí, decorre o fato de

⁴ Charlot (2008, p. 29) citando Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua, destaca que as vantagens da utilização dos Grupos Focais como método é que “os entrevistados falam, dividem opiniões, discutem, trazendo à tona os fatores críticos de determinada problemática, que dificilmente aparecem tanto nos questionários fechados como nas entrevistas individuais abertas”. A técnica do Grupo Focal foi criada como uma ferramenta para se estudar temas num contexto coletivo, baseando-se nas impressões de um conjunto de indivíduos. Na pesquisa qualitativa, essa técnica funciona basicamente como uma entrevista em grupo. O que se pode destacar como peculiaridade desse método é a interação que acontece entre um conjunto de pessoas ao serem convidadas a debater um tema levantado pelo pesquisador, que, normalmente, tem o papel de moderador da discussão. Os dados utilizados na análise dessa interação são as transcrições das discussões do grupo.

que a contradição permeia o discurso sobre os jovens e a juventude. Os jovens são herdeiros e inovadores, fracos e fortes, perigo e promessa, violência e inocência, desemprego e desenvolvimento, droga e pureza, dependência e disponibilidade, ou seja, para resumir o conjunto das contradições, os jovens são ao mesmo tempo problema e solução. Não tem de escolher entre os dois termos dessas contradições, tem sim de pensar os dois juntos. Não é fácil, mas é imprescindível, pois do contrário, perde-se a especificidade da juventude e cai-se, quer no paternalismo e clientelismo, em que o jovem, não passa de um coitado a ser protegido, quer no juvenilismo, em que o jovem, por ser jovem, sempre está certo e sabe o que é melhor pra ele”.(CHARLOT, 2006, p. 1, 2).

Por meio das entrevistas e grupos focais, o autor busca entender essas contradições ao possibilitar aos jovens um espaço para exporem seus pensamentos, experiências, valores, com o compromisso de suas reivindicações serão levadas às autoridades, na tentativa de que, se forem atendidos pelo menos em algumas áreas nas quais se sentem insatisfeitos, terão uma parte de seus desejos realizados.

A pesquisa de Charlot foi escolhida por apresentar o pensamento e experiências dos jovens sergipanos, Estado este que compõe uma região brasileira com grande carência quanto à escolaridade.

3.2 SOBRE A RELAÇÃO DO JOVEM COM A ESCOLA

O relatório de pesquisa “Juventudes sergipanas” de Bernard Charlot traz importantes conclusões sobre as considerações a respeito da relação dos jovens, no caso os sergipanos, com a escola. Uma das primeiras e mais importantes constatações do autor é que o grau de escolaridade relaciona-se diretamente com a classe econômica a qual pertence esse jovem: quanto mais pobre, menos estudo. As outras variáveis como raça, sexo ou localidade, de longe, não são representativas quanto ao acesso e a permanência nos estudos. De forma geral, o autor da pesquisa é contundente ao afirmar que o fator determinante na relação jovem e escola é a condição econômica.

No estado de Sergipe os jovens deixam os estudos precocemente e há uma defasagem série/idade. Dos 20-24 anos uma parte deles está no ensino fundamental. Esse fato é visto também no ensino médio, no qual 38% dos jovens entre 20 e 29 anos dizem estar nesse nível. As mulheres estudam mais que os

homens e estes trabalham mais que as mulheres. Foi mostrado que somente 6% desses jovens freqüentaram ou freqüentam o ensino superior (desses uma grande parte trabalha ao mesmo tempo em que estuda), 64% não ultrapassaram o ensino fundamental e 30% nem chegaram a ultrapassar a quarta série.

Os jovens que nunca estudaram:

“-Representam 7,3% dos jovens sergipanos.

-São mais homens do que mulheres.

-O percentual deles vai diminuindo de acordo com a faixa etária.

-São mais numerosos entre os negros.

-São mais numerosos nas classes E e D do que na classe C e nas classes A e B.

-São menos satisfeitos em relação à vida que a média dos jovens.

-Entre eles, o percentual dos que tem filhos não é maior do que entre o conjunto de jovens”.(CHARLOT, 2006. p.76, 77).

Os motivos principais pelos quais os jovens param de estudar são: dificuldades financeiras, gravidez e oportunidade de trabalho. Os problemas de aprendizagem também contribuem para o abandono escolar. Aqueles que já estudaram e pararam, representam 33, 7%. A classe econômica e a faixa etária influencia nessas paradas e acontecem mais dos 15 aos 19 anos nas classes D e E.

Os jovens sergipanos afirmaram que vão à escola não pela vontade de aprender, mas porque podem ter um emprego e é também na escola onde encontram os amigos. Relataram suas dificuldades relativas à pressão exercida pelo vestibular, à correria de estudar e trabalhar e ao preço das passagens de ônibus, que também os impedem de estudar.

Nos pequenos municípios (Charlot, 2006, p.113) é difícil encontrar professores porque estes não querem morar nos mesmos. No entanto os alunos destes municípios afirmam que gostam de ter aula com os professores da sua localidade. Também nos pequenos municípios, é precária a prática de esportes, pois os lugares para essa prática são ruins tanto quanto outras instalações da escola.

Ao falarem sobre a escola pública (Charlot, 2006, p. 114), menos da metade dos jovens demonstra satisfação em relação ao ensino e aos colegas de classe, mas afirmam-se satisfeitos com os seus professores. Os jovens priorizam o uso de computadores para o estudo, quando estes estão disponíveis, 40% tem

conhecimentos básicos de informática e apenas 11% sabem usar programas diversos.

O uso do computador aumenta conforme o grau de escolaridade (quanto maior o grau, maior o uso) e as moças usam mais do que os rapazes.

O percentual de jovens que sabem usar um computador varia com o tipo de município. Não se constatam discrepâncias sistemáticas no que tange aos lugares do uso do computador, senão as que decorrem diretamente do tamanho dos municípios: em Aracaju utiliza-se o computador nas bibliotecas ou nos cyber cafés, nos pequenos municípios é utilizado nos centros comunitários. Apesar desses centros serem lugares cujo peso fica leve na estatística geral, aparecem sendo lugares estratégicos, junto com a escola, para levar a cultura informática, e com ela o gosto da modernidade, até os jovens pobres e pouco escolarizados. Todavia, nota-se que quem pertence a uma família que não possui rendimento familiar algum, sequer usa computador em um centro comunitário, como é o caso também dos analfabetos (CHARLOT, 2006, p. 126).

Os jovens sergipanos são conscientes sobre a necessidade e importância da informatização na sociedade atual (Charlot, 2006, p. 128) ainda mais para conseguir emprego. Para conseguir capacitação esperam por cursos pois sabem que precisam qualificar-se. Esses relatos mostram a urgência de medidas que atendam as necessidades dessa juventude principalmente no que se refere ao nível de estudo e capacitação desses jovens.

Os entrevistadores desse relatório de pesquisa explicitam que os jovens analfabetos não se declaram como analfabetos, ficam constrangidos ao falar sobre alguns temas e não conhecem significados de certas palavras. Esses fatos dificultaram a realização das entrevistas com os mesmos. No que se refere à valores, os jovens analfabetos dão mais valor à família do que os de nível superior, e também à saúde e o emprego. Os jovens de nível superior valorizam mais os estudos, o lazer e os amigos. As faixas etárias mais novas são compostas pelos jovens que se dizem mais satisfeitos em relação ao seu grau de escolaridade e os que estudam e trabalham se declaram mais felizes. Ainda no que se refere à escolarização, em relação aos brancos, os negros são mais prejudicados.

Outro fato interessante da pesquisa diz respeito ao acesso da classe A na universidade pública, pois esses jovens possuem mais recursos culturais para esse acesso e ao mesmo tempo mais recursos financeiros para ingressarem na universidade particular, enquanto os jovens da classe D e E só podem ingressar na universidade particular pela ausência de conhecimento. Os jovens afirmam que ou pagam a Faculdade ou ficam sem estudar.

Muitos jovens falam sobre a possibilidade de mudarem de cidade para terem mais oportunidades de estudo e emprego, pois assim conseguiriam ajudar a família. Quanto a isso explicam que não são aventureiros e temem deixar a família, em particular, os analfabetos, talvez pelo medo de enfrentar situações novas. Entre estes, 29% não tem pai nem mãe que trabalha, enquanto o mesmo acontece apenas com 16% dos que pertencem ao nível fundamental, médio ou superior. Em Aracaju, por ser a capital, o grau de escolaridade dos pais desses jovens é maior e, entre os jovens da classe A, 56% têm pai que cursou o ensino superior e 65% mãe que também têm curso superior. Dos jovens da classe E, 59% têm pai que não estudou e 55% mãe que também não estudou. Percebe-se que há uma relação entre o grau de escolaridade do pai e a classe social do filho.

Quando falam da educação dos filhos, os que já têm ou os que um dia tiverem, os jovens utilizam uma referência privilegiada: a educação que eles mesmos receberam ou estão recebendo dos seus pais. Essa referência é espontânea, não é preciso pedir para eles fazerem essa comparação. Aliás, às vezes terminam uma explicação acerca da educação que estão fazendo ao dizer que farão ou não farão a mesma. (CHARLOT, 2006, p. 327).

Pode-se dizer que o grau de escolaridade dos jovens no Estado de Sergipe é baixo e de uma defasagem significativa série/idade, levando-se em consideração a modernização da sociedade, mas os jovens têm vontade de estudar e esperam mais ações das políticas públicas diante dessa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das respostas dos jovens às diferentes questões nas entrevistas realizadas, conclui-se que apesar dos temores e conflitos que envolvem essa fase da vida, muitas questões anunciadas continuam atuais, demonstrando que, apesar de vivermos numa sociedade na qual tudo muda rapidamente, na escola ainda existem muitas permanências.

Os jovens valorizam a escola, o ensino, a família, sentem, mesmo quando não admitem, a necessidade da autoridade dos pais e educadores, como pode ser percebido na pesquisa de Tânia Zagury e de Bernard Charlot.

Quanto à valorização da escola em todas as obras estudadas, a maioria dos jovens fala sobre sua importância na vida. Foram claros ao falar sobre suas experiências, necessidades, desejos, tanto no que diz respeito ao passado quanto ao que esperam do futuro. A obra de José Machado Pais, mostrou que os jovens europeus valorizam sua cultura e que a composição social das escolas nas quais o inquérito foi realizado exercem grandes influências nas representações que esses jovens fazem sobre os temas apresentados e esse aspecto também foi percebido nas outras obras. Ou seja, a cultura influencia diretamente na forma como o jovem pensa a escola. As diferenças no interesse da pesquisa colocou a investigação desse autor um pouco deslocada dos outros dois autores e dificultou o entendimento dos dados, devido à complexidade presente na escrita e ao fato da pesquisa ter se realizado em outro continente, a partir de uma área de conhecimento específico: a História.

Alguns problemas são específicos de determinadas regiões, como a falta de recursos para continuação dos estudos, falta de estrutura nas escolas, altas taxas de analfabetismo, citados no relatório de Charlot sobre os jovens sergipanos. Esses fatos trazem reflexões sobre questões relacionadas ao ensino no que se refere à diferentes localidades, pois o que acontece na escola num determinado período e região do país, pode divergir completamente do que acontece nos demais. É possível, então, identificar interpretações e ações diversas na forma que a educação se desenvolve (e também problemas diferentes) através da comparação de diversas regiões.

Percebe-se na fala desses jovens que esperam oportunidades para contribuírem de forma significativa na transformação da sociedade em muitas questões. Outros fatos relacionam-se às práticas de ensino, conteúdos, relacionamentos na escola. Mas uma característica é comum a todos: as mudanças físicas e psicológicas pelas quais passam e que nem sempre são compreendidas por pais e educadores. Essa incompreensão pode trazer vários conflitos. É um período no qual caracterizam-se as relações vividas desde a infância, mas com conflitos crescentes, refletidos nas atitudes e palavras, principalmente se a educação recebida até então não foi satisfatória, no sentido de dar suportes e condições para vivência da fase.

Pode-se dizer que se tiverem desde cedo orientações adequadas, as crianças se tornarão adolescentes com atitudes e problemas naturais da fase, mas sem complicações alarmantes. Necessitam do auxílio dos pais e educadores, que devem agir de forma coerente, sem exageros, colocando os limites necessários à essa faixa etária.

É importante, numa época de tantas transições, uma educação baseada na reflexão, na responsabilidade, no papel de cada um, e efetivas ações de todos os participantes da orientação e educação da juventude, respeitando os contextos nos quais os jovens estão inseridos. É preciso não apenas ouvir sobre transformações, mas promover situações nas quais os jovens adquiram habilidades necessárias para serem também sujeitos ativos desses processos.

Além da ajuda da família e educadores, as políticas públicas podem e devem agir e é isso que os jovens também esperam dos trabalhos realizados sobre a juventude: o atendimento de suas reivindicações por parte das autoridades.

O aprofundamento nos aspectos que envolvem os jovens e a escola em localidades diferentes aumentaram os conhecimentos prévios dos educadores sobre a juventude. Percebemos que apesar de algumas características serem comuns a todos os jovens, outras são específicas de alguns grupos, influenciadas por diversos fatores. Essas características tornaram-se conhecidas através da fala dos jovens nos relatos, permitindo assim, melhor compreensão de suas necessidades e desejos, possibilitando resultados significativos num trabalho posterior com esses jovens.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. **Juventudes Sergipanas**-Relatório de pesquisa. Aracaju/SE. Janeiro, 2006. (versão mimeo).

MARCHESI, Álvaro. O bem-estar dos professores. In: **O que será de nós, maus alunos?** Porto Alegre: Artmed Editora S.A, 2006, p. 112.

PAIS, José Machado. **Consciência histórica e identidade - Os jovens portugueses num contexto europeu.** Oeiras, Portugal: Arte Mágica, Centro de Edição Gráfica, 1999.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo.** 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ANEXO

ANEXO A – Ficha de Levantamento de dados das três obras analisadas

1. Referência Bibliográfica.
2. Quem é o autor.
3. Tema central da obra- explicativo.
4. Contexto da pesquisa: lugar e tempo
5. A obra é resultado de quê? Pesquisa universitária, doutorado, mestrado, outras.
6. Quais os caminhos investigativos? Como a pesquisa foi realizada? Metodologia, instrumentos que foram utilizados, como foram utilizados, etc.
7. Quais as principais conclusões a respeito da temática: Os jovens e a escola. Ponto central de investigação.
8. Outras questões interessantes que a obra apresenta e que nos podem indicar caminhos para compreender a relação do jovem com a escola.